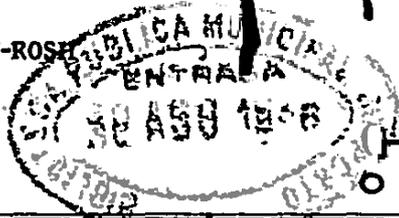


Tudo se ilumina
para aquête que
busca a luz.

ה ל פ י ד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

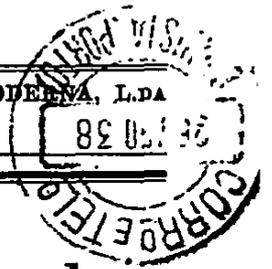


(HA-LAPID)
O F A C H O

BEN-ROSH

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BASTOS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO



A 2.^a Conferência Universal das Comunidades Sefharditas

Nos dias 14, 15 e 16 de Maio de 1938 realizou-se em Amsterdam (Holanda) a 2.^a Conferência Universal das Comunidades Sefharditas na sede da Comunidade Israelita Portuguesa daquela cidade holandesa.

Colocada sob a presidência de honra dos senhores Sir Elly Kadoorie, Charles Sebag Montefiore, S. E. Catani Pachá e Emanuel Salem foi presidida pelo Sr. Professor L. J. Palache, Presidente da Comunidade Israelita Portuguesa de Amsterdam.

Estavam presentes 39 delegados representando 62 comunidades, o que nos dá a nota do progresso na ideia, pois na 1.^a conferência realizada em Londres, em Maio de 1935, compareceram 25 delegados representando 13 comunidades.

Comunidades representadas nesta conferência agora realizada:

Inglaterra (Londres e Manchester); Antilhas holandesas; Argentina (Buenos-Aires); Espanha; Estados-Únidos (Nova Iorque); França (Paris, Marselha, Baiona, Argel, Oran, Túnis); Grécia; Holanda (Amsterdam e Haia); Palestina; Portugal (Lisboa); Alemanha (Hamburgo); România; Jugoslávia (Belgrado, Skoplie, Zagreb, Bitoli e Sarajevo).

ORDEM DO DIA:

Sábado à noite — 14 de Maio

1.º Boas-vindas pelo Presidente da Comunidade Israelita Portuguesa de Amsterdam;

2.º Discurso Inaugural pelo Rabi Dr. N. J. Ovadiah;

3.º Telegrama de homenagem a S. M. a Rainha dos Países Baixos;

4.º Eleição da Direcção da Conferência (Presidente, Vice-Presidente, dois Secretários);

5.º Discurso do Sr. V. N. da Costa em Nome da delegação inglesa;

6.º Mensagem de Sir Elly Kadoorie, Presidente Honorário da União Universal das Comunidades Sefharditas. Outras mensagens.

Domingo de manhã

7.º Relatório pelo Secretário Geral, Ovadiah Camby;

8.º Nomeação das Comissões;

9.º Relatório do Sr. Rabi-mor Ovadiah sobre o estado espiritual do judaísmo.

Domingo à tarde

10.º Relatório do Sr. Paúl Goodman sobre o projecto financeiro concernente à criação duma Escola Rabínica Superior;

11.º Discussões;

12.º Propostas diversas eventuais.

Segunda-feira de manhã

13.º-a Reunião das comissões;

13.º-b Votações;

- 14.º Apresentação do balanço pelo tesoureiro Sr. Roberto Mitrani;
 15.º Aprovação do balanço;
 16.º Votação do orçamento.

Segunda-feira à tarde

- 17.º Deliberações diversas;
 18.º Rectificação da Direcção Honorária da União;
 19.º Eleição duma Comissão Executiva e duma Comissão Financeira;
 20.º Discurso de encerramento.

VOTAÇÕES E DELIBERAÇÕES

—Aprovação do relatório apresentado pelo Secretário Geral sobre a acção desenvolvida pela Comissão Executiva de 1935 a 1938.

—Aprovada a criação da Escola Superior Rabínica em Jerusalém (Metrópole do Judaísmo).

—Aprovada a difusão dos princípios morais do judaísmo, ficando isso a cargo da Comissão Executiva, Comissão Rabínica e futura Direcção da Escola Rabínica.

—Aprovada a constituição duma Associação Rabínica e a convocação dum Congresso Rabínico Sefhardi.

—Nomeação duma comissão de socorro a emigrantes sephardim.

—Criação duma secção sephardita na Administração Palestiniana da Agência Judaica.

—Aprovação do relatório de contas da União.

—Votação do orçamento da Administração da União.

—Criação dum Fundo inalienável para o sustento da Escola Superior Rabínica.

ALGUMAS MENSAGENS

De Le Judaisme Sefhardi:

«Entre as cartas chegadas à Conferência expressando-lhe votos de sucesso, destacamos as dos Srs.: Jacob Meir, Rabi-mor da Palestina; de Bension Uziel, Rabi-mor de Tel-Aviv; do Dr. Isaac Alcalay, Rabi-mor da Jugóslávia; do M. J. Salzer, Rabi-mor de Marselha; de M. Neville Lasky, Presidente

do Jewish Board of Deputies, de Londres; de M. David Sassoon; do Capitão Barros Basto, do Porto; de J. de A. Benyunes, de Nova Iorque; de Henrique Toledo, de Genebra; de M. Confino e E. Gozlan, de Argel; de Moses J. Azancot, de Tânger; de M. D. Gaon, de Jerusalém; de Mosco Gadimir de Paris; de M. S. D. Levy, de Casablanca; de M. Is. Alcheh, de Salónica; da Liga Hebraica Universal, de Jerusalém; da Loja Bené-Berith, do Cairo; e de numerosas Comunidades que não puderam fazer-se representar.

Lastimamos que a falta de espaço não nos permita a publicação destas cartas tôdas entusiastas e tôdas cordiais.»



CORPOS DIRECTIVOS DA UNIÃO UNIVERSAL DAS COMUNIDADES SEPHARDITAS

PRESIDÊNCIA HONORÁRIA

— Sir Elly Kadoorie (Shanghai), Presidente Honorário.

— Charles E. Sebag-Montefiore (Londres), Presidente Honorário.

— S. E. Catani Pachá (Cairo), Vice-Presidente Honorário.

— M.º Emanuel Salem (Paris), Vice-Presidente Honorário.

— Professor L. J. Palache (Amsterdam), Vice-Presidente Honorário.

COMISSÃO CENTRAL

PRESIDENTE:

— D. V. N. da Costa (Londres).

VICE-PRESIDENTES:

— Rabbi Joseph Levi, Presidente do Tribunal Rabínico de Jerusalém.

— Professor Dr. Moses Bensabat Amzalak (Lisboa).

— Lázaro Abrahamvitz.

— Dr. Belifante.

— I. Nacamuli.

— David Sassoon.

— Barrow Sicree.

(Continua na página número 4).

Abraham Nunes Bernal e Isaac de Almeida Bernal—dois mártires da Inquisição

Por NORBERTO A. MORENO.

A simpatia do Dr. Cecil Roth, erudito judeu britânico, pela causa marana devemos a publicação de um opúsculo que se intitula «Abraham Nunes Bernal et autres martyres contemporains de l'Inquisition», escrito como seria de desejar que fôsem todos os trabalhos de carácter histórico.

Dele vamos extrair os elementos essenciais para a composição de uma ligeira biografia das duas personagens principalmente tratadas no referido opúsculo e cujos nomes deixamos a sobrepor estas linhas.

Trata-se de duas figuras que *Ha-Lapid* deseja incluir numa galeria de mártires da fé judaica que possa ficar como testemunho do que foi a vida e a morte dos maranos e portanto do que é o maranismo.

Manuel Nunes Bernal, que possuía também o nome hebraico de Abraham, nasceu de pais maranos em Almeida, Portugal, no ano de 1612. Casou com Leonor Baez e teve cinco filhos que educou na fé de seus pais. Estabeleceu-se como comerciante em Ecija, Espanha.

Leonor veio a ser, entre vários outros judeus maranos, açoitada e condenada a prisão perpétua pela Inquisição, em Córdova por volta de 1655. Na mesma altura um dos seus filhos, Jorge, de 13 anos de idade, nascido em S. Lucar de Barrameda, foi condenado a quatro anos de prisão.

Em Córdova, Dezembro de 1625, isto é, 30 anos antes da condenação de Abraham Nunes Bernal, foram chamadas a contas com a Inquisição cerca de cinquenta pessoas, portugueses na quasi totalidade, «culpados do nefando crime de judaizar».

Contava-se entre estes, Ines Marques, viúva de Francisco Rodrigues, de Vila Real, cujo «crime» consistia em ter transformado, para consolação mútua dos correligionários perseguidos, a sua casa em Sinagoga.

Em 1655, em Córdova, 3 de Maio, juntamente com cinco outras pessoas, foi condenado à fogueira Abraham Nunes Bernal. Com a piedade característica os inquisidores fizeram todos os possíveis para que os réus

se arrependessem do grande pecado de adorar o Deus de Moisés. Quatro chegaram a manifestar esse arrependimento, pelo que tiveram a recompensa de serem estrangulados antes de ir para a fogueira. Abraham Nunes Bernal ficou, porém, incensível, declarando que cousa alguma lhe poderia fazer diminuir a fé no seu Deus.

O Marquês dos Velez que estava presente ao acto comoveu-se com aquela persistência, e, de crucifixo em punho, aproximou-se de Abraham, exortando-o à conversão. Mas tudo inútil. Abraham «foi queimado vivo porque declarou ser um observador da Lei de Moisés e morreu obstinado na sua crença, recusando vir à nossa santa fé católica» segundo reza a crónica hostil.

A notícia deste auto produziu dolorosa impressão em Amsterdam, onde se haviam já fixado vários membros da família do mártir. Na Sinagoga realizou-se uma oração fúnebre em sua memória. Isaac da Fonseca Aboab traduziu num eloquente discurso o estado de alma dos correligionários residentes naquela cidade. As notabilidades literárias da Comunidade compuseram elegias também em memória do mártir, que foram reunidas num volume publicado com o título *Elogios que zelosos dedicaron á la Felice memoria de Abraham Nuñes Bernal, que fue quemado vivo sanctificando el Nombre de su Criador*. Esta obra, publicada por Jacob Bernal, é hoje muitíssimo rara.

Sabe-se que das vítimas do auto de Córdova várias possuíam o nome de Baez, sendo provavelmente parentes de Bernal.

Antes de 1650 foi também preso pela Inquisição um jovem de 17 anos, Marco (Isaac) de Almeida Bernal, de Montela (Galícia), filho de Francisco Rodrigues de Almeida e sobrinho de Abraham Nunes Bernal.

Aquêle jovem merece também especial menção ao lado de Abraham.

Durante cinco anos o Santo Officio conservou-o preso em Valladolid, esperando convertê-lo ao catolicismo. No primeiro inté-

(Continuado da página número 2).

VOGAIS:

— Dr. Barnett; A. Benroy; Jos. E. Elmaleh; Neville Laski, Presidente do Jewish Board of Defanties; Navarro (Londres).

— Moisés Florentino e Afonso Nahum (Manchester).

— Menahem Coriat e Gruenbaum (Barcelona).

— Vaz Dias e H. Pimentel (Amsterdam).

— J. R. Lobato (Haia).

— Isac Molho (Jerusalém); Dr. Bandelac de Pariente (Paris); Dr. Braco Poliocan (Sarajevo); J. Toledano (Oran); Henrique de Toledo (Genebra).

COMISSÃO EXECUTIVA

— Dr. N. J. Ovadiah, Presidente; A. H. Navon e Paúl Goodman, Vice-Presidentes; O. Camby, Secretário Geral; Roberto Mitrani, Tesoureiro.

— Vogais: David Beriro (Londres); D. J. Cardoso (Amsterdam); Wiliam Valid, Professor na Faculdade de Direito de Paris; Marcel Mirtil, Advogado no fóro de Paris; Saúl Amar, Vítor Ades, Roberto Bahsi, Zária Levy, Salomão Shahmoon.

rogatório declarou que por mais querida que a vida lhe fôsse pô-la-ia sempre com prazer ao serviço da Lei de Moisés. Recorreu-se à tortura, mas as ideas ficaram as mesmas. O Arcebispo de Placência, não desesperando de o converter a bem ou a mal, fê-lo transportar a Santiago. Reconheceu, porém, a inutilidade de todos os esforços, pelo que, em Março de 1655, com 22 anos de idade e após cinco de tortura, Isaac de Almeida Bernal foi condenado às chamas.

Quando caminhava para a fogueira perguntaram-lhe os inquisidores se estava arrependido do seu obstinado procedimento. Ele fêz um sinal com a cabeça. Julgando que êste movimento traduzia a afirmativa, tiraram-lhe a mordaza — que lhe haviam pôsto «receando que a sua sinceridade impressionasse ou corrompesse os espectadores». Mas logo que Isaac de Almeida Bernal pôde usar da palavra, declarou com tôdas as suas fôrças que jamais abandonaria o seu Deus e que os que o rodeavam não passavam de idólatras. Em seguida continuou

COMISSÃO RABÍNICA

— Jacob Meïr, Rabi-mor da Palestina, Presidente Honorário.

— Bensian Uziel, Rabi-mor de Tel-Aviv, Vice-Presidente Honorário.

Joseph Levy, Presidente do Tribunal Rabínico de Jerusalém, Presidente.

— David Askenasi, Rabi-mor de Oran; David Jessurun Cardoso, Rabi de Nova Iorça; Elian Francês e Dr. Israel Ricardo, Rabis de Amsterdam; Semtob Gaguin, Presidente do Tribunal Rabínico de Ramsgate (Londres); Dr. N. J. Ovadiab, Rabi-mor da Cultural Sephardita de Paris.

COMISSÃO FINANCEIRA

— David Beriro, Presidente; D. N. V. da Costa; Charles Sebag Montefiore (Londres); Barrow Sicree (Manchester); André Amar; Salvator Roditti (Paris); D. I. Cardoso e Vaz Nunes (Amsterdam).

COMISSÃO DE EMIGRAÇÃO

— Paúl Goodman, Presidente; Dr. Belifante, A. H. Navou, André Amar, H. Pimentel.

com aspecto de satisfação para o *Quemadero*. As hostilidades à sua volta aumentaram, chegando a ser ferido a golpes de navalha.

Tinham acabado de o amarrar à fogueira quando a chuva começou a cair. Os executores quizeram adiar o auto, mas Isaac opôs-se insistindo que terminasse o seu martírio. Rodearam-no então de fuligem e pés para facilitar a sua combustão e chegaram-lhe o fogo.

Emquanto as chamas subiam no ar ouvia-se uma voz alegre que entoava Salmos.

Foi assim que aos 22 anos terminou a existência de Isaac de Almeida Bernal.

Em sua memória compuseram os escritores da Comunidade de Amsterdam elegias que foram publicadas num volume com o título *Récit du bienheureux martyre de l'invincible Isaac de Almeida Bernal qui mourut brûlé vif en sanctifiant le nom du Seigneur*.

Caros correligionários maranos:

Aqui ficam mais duas das nossas figuras. Fixemos os seus nomes e honremos também a sua memória.

UMA BIOGRAFIA INTERESSANTE

Na sede da Comunidade Israelita de Washington, capital dos Estados-Unidos da América-do-Norte, no dia 11 de Maio, o Sr. Salomão Levitan discursou sobre o tema «O judeu na política americana». Na sua emocionante oração êle descreve a sua vida na América, onde chegou como um pobre rapaz emigrante e chegou a Presidente do Banco Nacional e Tesoureiro do Estado de Wisconsin.

Nasceu em Taurrogen, próximo de Tilsit, na Prússia Oriental, em 1862. Quando completou 5 anos de idade, o seu pai deu-lhe um Taleth e mandou-o para uma escola particular aprender o hebraico, a nossa língua sagrada. Nessa escola havia 15 alunos. Quando soube ler aprendeu as orações: Shabarith (oração matinal); Minhah (oração da Oferenda); Arbith (oração vespertina); orações do começar e findar as refeições, oração ao deitar e ao levantar.

Aos 6 anos leu os cinco livros de Moisés e sete profetas.

Aos 7 anos começou a escrever.

Aos 8 tomou um professor que lhe ensinou aritmética, e a escrever o hebraico e o alemão.

Aos 11 anos começou a aprender o Talmud. Sua mãe pensava fazer dele um Rabi.

Aos 13 anos deu entrada numa Yeshibah (Seminário) em Kawno e Slabotka, na Lituânia. Os Talmidim dormiam na Yeshibah, que era anexa à Sinagoga. Os seus leitos eram bancos com palha a servir de colchão e tinham que se cobrir com os seus próprios sobretudos por falta de cobertores.

A alimentação dos seminaristas era fornecida por boa gente habilitada a tomar o encargo de dar de comer a um aluno por semana. Uma família dava de comer ao domingo outra à segunda-feira, outra à terça, etc.

Acontecia alguma vez um ou outro aluno ter um dia apenas pão e água.

Tinham que consertar o fato e algumas vezes que lavar a roupa.

Café ou chá só quando alguém lhes dava de presente.

Só tinham carne uma vez por semana ao sábado.

As dimensões modestas do nosso jornal

não nos permitem fazer mais longos extractos desta comovente biografia onde a miséria e a esperança sadia perpassa até que, depois de muitas atribulações e acidentes, raiou para êle o sol do triunfo. E na vida fácil e confortável recorda com saúde os tempos do seu tempo de privações e de fé.

Belo exemplo para os nossos Talmidim.



AS INSCRIÇÕES NA SINAGOGA CATEDRAL DO PORTO

É interessante registar as inscrições em belos caracteres hebraicos, que ornamentam e ensinam na nossa magnífica Sinagoga.

No Ekhal (Arca Santa), além das duas tábuas de mármore com os dez mandamentos, na padieira superior lê-se em hebreu:

—«Escuta Israel! Adonai, é nosso Deus, Adonai é Uno» (Deut. VI, vers. 4).

e no arco grande que remata a Arca:

— *Eu, Eu sou Adonai e fora de mim não há salvador* (Isaiás 43, vers. 11).

No friso do balcão da Hāzarah (Galeria das Damas), de modo a serem lidas pela Congregação:

— *Sereis para mim santos, porque Santo sou Eu, Adonai.* (Levítico XX, vers. 26).

— *Santos sereis, porque Eu, Adonai, vosso Deus, sou Santo.* (Levítico XIX, vers. 2).

— *Amarás Adonai, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todas as tuas fôrças.* (Deut. VI, vers. 6).

— *E vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.* (Exodo XIX, vers. 6).

— *Adonai está com aquêles que o chamam e com os que o invocam com sinceridade.* (Salmo 145, vers. 18).

Na Hāzarah (Galeria das Damas), nos frisos das paredes por cima dos azulejos luso-árabes:

— *Mulher forte quem a achará? O seu valor excede o das pérolas.*

— *O coração de seu marido está nela confiado que nada lhe faltará.*

— *Ela lhe faz bem, e não mal todos os dias da sua vida.*

— *Busca lã e linho, e trabalha com a indústria das suas mãos.*

— *Ainda de noite se levanta e dá mantimento a sua casa e tarefa às suas servas.*

— *Prova se é boa a sua compra, e a sua lâmpada não se apaga à noite.*

— *Estende a sua mão ao fuso e as palmas das suas mãos pegam na roca.*

— *Abre a sua mão ao aflito e ao necessitado estende a sua mão.*

— *Faz para si tapeçaria de linho fino e púrpura é o seu vestido.*

(Provérbios de Salomão, cap. 31, vers. 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 22).

Na fachada exterior principal, ladeando o Maghen David (signo de David), em enormes letras douradas:

— MEKOR HAIM (Fonte Vital).

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Cidade do Vaticano — O Museu do Vaticano, que tinha estado fechado durante a visita do Chanceler-Alemão Hitler à Itália, reabriu as suas portas.

Instruções severas foram dadas aos guardas para que proibissem a entrada a todas as pessoas usando a insígnia da Cruz Gamada.

Inglaterra — No dia 30 de Maio, no final do officio religioso matinal, o bispo de Chichester usou da palavra na Sinagoga de West London e denunciou a *nova idolatria* propagada pelos nazis alemães. Presidia o judeu britânico Marquês de Reading.

Escócia — A Assembleia Geral da Igreja Escocesa, reunida em Edimburg, adoptou uma resolução combatendo o anti-semitismo e a perseguição anti-judaica. «Uma Igreja verdadeiramente cristã não pode ser anti-semista», declara a resolução.

A Assembleia renova o seu protesto contra a crueldade e a virulência dos ataques de que são vítimas as minorias judaicas sem defesa na Europa Central e Oriental; o verdadeiro cristianismo é incompatível com o anti-semitismo.

Alemanha — Cento-e-cinquenta israelistas da comunidade judaica portuguesa têm intenção de se estabelecer próximamente nas Índias neerlandesas. A Conferência Mundial das Comunidades Sepharditas, que reuniu recentemente em Amsterdam, resolveu facilitar-lhes a realização deste projecto.

Inglaterra — Estabeleceu-se em Londres o grande sábio judeu Dr. Sigmund Freud com a sua família e alguns dos seus colaboradores. O Dr. Freud era professor da Universidade de Viena de Áustria e tem 82 anos de idade.

Também fixou residência em Londres o célebre filósofo judeu Dr. Wilhelm Stekel. Este sábio austríaco teve de deixar em Viena a sua preciosa biblioteca e uma galeria contendo obras-primas de arte.

OFERENDAS À NOSSA SINAGOGA

(RECTIFICAÇÃO)

No n.º 85 deste jornal demos a notícia de várias oferendas feitas à nossa Sinagoga por ocasião da sua dedicação solene, mas tendo havido algumas incorrecções involuntárias, nos apressamos a fazer a devida rectificação:

— O fato e dois barretes para Hazan foram oferenda da Spanish & Portuguese Congregation, de Londres.

— A Yad de prata (mão indicadora ou ponteiro) foi oferenda do Sr. Joseph Meller, O. B. E. Presidente do Portuguese Maranos Committee de Londres.

— O Sr. Paul Goodman ofereceu uma libra em honra desse solene acto.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O QUE UM REFUGIADO DEVE SABER

O Comité de Assistência aos Refugiados de Paris, publicou estes prudentes conselhos dirigidos aos que, fugindo à intolerância e à perseguição, vieram procurar um refúgio em França:

- 1.º Não se meta em política, porque as leis do nosso país vo-lo proíbem;
- 2.º Cuide da sua apresentação;
- 3.º Seja delicado e discreto;
- 4.º Seja modesto. Não elogie as qualidades do país que acaba de deixar e as quais lhe parecem faltar em França. «Na minha terra tudo ia melhor» é uma fórmula que ferirá os franceses que o escutam;
- 5.º Aprenda depressa a expressar-se em francês. Não fale em voz alta e, se fala uma língua estrangeira, evite fazê-lo em público, na rua, num transporte comum, num café;
- 6.º Respeite tôdas as nossas leis e todos os nossos costumes. Quando estiver embaraçado por uma dificuldade legal, administrativa ou jurídica, dirija-se a uma organização reconhecida pelas autoridades ou a um advogado que nós lhe indicarmos, que é melhor do que certos agentes que o *arranjarão* em vêz de arranjar os seus casos.

Nós desejamos ser-lhe úteis e pedimos-lhe que nos ajude seguindo estes conselhos, que são os seus primeiros deveres para com a Comunidade francesa que o acolhe.

(Fazemos nosso êste aviso substituindo as palavras França e franceses por Portugal e portugueses).



EM BUSCA DE TORQUEMADA

É o título dum livro de Robert Loewel, em que o autor refere uma viagem a Portugal e Espanha e fala do passado judaico nestes países e dos vestígios ainda existentes dêsse passado.

O *Univers Israelite* de Paris, publicá uma apreciação dêsse livro, da qual extractamos o seguinte: — «Portugal apresenta-nos uma outra tonalidade. Os maranos tanto tomaram, através os séculos, o costume de praticar o seu culto em segredo, que lhes é

muito difícil hoje praticá-lo à luz do dia... A religião permanece, para êles, inseparável duma vaga noção de mistério e de ocultismo.

As recordações da Inquisição são vivazes a tal ponto que em Bragança, actualmente, ainda se esconde a lâmpada de Shabbath num pote de barro para não ser vista do exterior, e têm o cuidado de, quando rezam, terem as portas e janelas bem fechadas. Os maranos não conseguem deshabituarse dêste gôsto da noite».

Êste gôsto persistente pela sombra fêz dizer graciosamente ao Capitão Barros Basto, do qual se sabe o corajoso apostolado: «É talvez por causa de longos hábitos ancestrais, que, eu também, gosto mais das orações da noite...»



À MEMÓRIA DOS ISRAELITAS MORTOS PELA FRANÇA

No dia 19 de Junho foi inaugurado solenemente, em Donamont, o monumento à memória dos Israelitas mortos pela França.

Êste monumento consta duma muralha onde estão afixadas as duas tábuas da lei com os 10 mandamentos esculpidos em caracteres hebraicos, tendo por baixo, em francês, a seguinte legenda:

Aos franceses aliados e voluntários estrangeiros israelitas mortos pela França.

O terreno onde assenta o monumento judeu foi pôsto por Monsenhor Ginisty, bispo de Verdun, à disposição da Comissão do Monumento Israelita, que conta, entre os seus membros, o general judeu A. Weiler, presidente, e várias personalidades eminentes da Comunidade de Paris; o bispo de Verdun subscreveu para êste monumento, como numerosas personalidades judias subscreveram para o Ossário, que está sob o sinal da cruz.

Colocada sob o alto patronato do Sr. Presidente da República, dos Srs. Presidentes do Senado e da Câmara, efectivamente presidida por M. Champinchi, Ministro da Marinha, com a comparência de numerosas notabilidades civis, militares, religiosas, e de numerosas associações de antigos combatentes, esta manifestação teve um lugar de destaque entre as que nesse dia celebraram a vitória de Verdun.

OS JUDEUS NAS ORDENAÇÕES AFONSINAS

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 84)

9.º E quanto é em razão das rendas, e aforamentos, e emprazamentos, e parçarias deles, mando que as façam pela guisa, que as fazem os cristãos uns com os outros, salvo se façam juramento em éles pela guisa que o hão de fazer nos outros contratos sobreditos em tal maneira, que não haja aí onzena, ou concluído, ou engano de onzena.

10.º E se depois êsses cristãos provarem pela guisa suso dita, que houve em éles onzena, ou concluído de onzena, ou outro engano de usura, mando que o dito contrato não valha, e o cristão fique dele quite; e as Justiças dos Lugares, onde isto acontecer, lhe façam logo entregar o dito contrato e para mim outra quantia, quanta montar em cada um dêsses contratos, pelos bens do judeu, que êsse contrato fizer como dito é, e não haja porém outra pena: e se o judeu não tiver bens que por si nem por outrem não possa fazer entrega ao Cristão, e a mim dos ditos contratos, e das penas que lhe por êle mando dar pela guisa, que dito lhe seja logo preso, e não seja sôlto até que o entregue ou lhe eu mande dar por êle outra pena, qual eu vir que merece, e no feito couber.

11.º E mando aos Cristãos, que em os ditos contratos, que com os ditos Judeus fizerem, que se não acusarem, ou demandarem o engano, e onzena, e usura, que entenderem de provar pela guisa suso dita, que lhes pelos ditos Judeus foi feita nos ditos contratos, que com éles fizeram, do dia que os ditos contratos foram feitos até dez anos, que não pagam para êste lugar daí em diante, e pôsto que depois dos ditos dez anos, queiram demandar, e acusar, como dito é, que lhes não valha.

E mando, que nos ditos dez anos cada um do povo possa acusar isto mesmo, que a parte acusaria, se quisesse, e haja por si a quarta parte da pena, que eu dêsse contrato para mim hei de haver.

12.º E mando aos Tabeliães do meu Senhorio, que pela guisa suso dita façam os ditos contratos, e sejam valiosos. E em testemunho disto lhes mandei dar esta minha Carta. Dentre a Cidade de Évora, a cinco dias de Outubro. El-Rei o mandou por João Estêves seu Vassalo, e Veedor da sua Fa-

zenda. Gonçalo Peres a fêz Era de mil trezentos-noventa-e-nove anos.

13.º Depois disto El-Rei D. Duarte meu Senhor, e Padre de gloriosa memória em seu tempo deu uma carta patente selada do seu selo pendente à Comuna dos Judeus da Cidade de Lisboa, da qual o teor tal é,

14.º D. Eduarte pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta, A quantos esta Carta virem fazemos saber, que os Judeus da Comuna da Judiaria da nossa mui nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa nos enviaram dizer, que até aqui éles sempre acostumaram comprar e vender como os Cristãos, e como outras quaisquer pessoas, quaisquer cousas móveis, que vendiam ou compravam, recebendo, ou pagando logo os preços sem fazerem entre si outras nenhuma escrituras de obrigações, nem firmidões, assim como compravam na Alfândega da dita Cidade, panos, e outras algumas cousas móveis; e que não atendiam, se o poderiam assim fazer sem pena alguma, pedindo-nos por mercê, que lhes declaremos se nos prazia de o assim fazerem. E nós visto seu dizer e pedir, praz-nos que éles comprem, e vendam como os cristãos, ou com quem lhes aprouver, aquelas cousas móveis, que o Cristão e o Judeu logo paga, e recebe, em que não quizerem entre si fazer outra Escritura de firmidã, segundo até aqui o acostumaram de fazer nas compras, que assim faziam na dita Alfândega dos panos, e de outras cousas móveis, que logo recebiam e logo pagavam.

(CONTINUA).



O 1.º AUTO DE FÉ

O 1.º Auto de Fé que se celebrou em Portugal foi na Cidade de Lisboa em domingo 20 de Setembro de 1540. Era inquisidor geral o Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora, que depois foi Cardial e Rei. Fêz-se o cadafalso junto dos Paços da Ribeira, ou junto à Casa dos Coutos. Presidiu ao Auto D. João de Melo, Bispo do Algarve, que veio a ser Arcebispo de Évora. Assistiu El-Rei com todos os prelados eclesiásticos e fidalguia. Prêgou o Padre Fr. Francisco de Vila-Franca, eremita de Santo Agostinho, e naquele tempo reformador da sua religião em Portugal. Saíram penitenciadas 23 pessoas.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

Revista Universal Lisbonense — Vol. 8.º.